

A FESTA DA BOA MORTE EM CACHOEIRA (BA): CONTEXTUALIZAÇÃO E IMPORTÂNCIA PARA O TURISMO ÉTNICO NA BAHIA

Natalia Silva Coimbra de Sá¹
Dra. Regina Celeste Almeida Souza²

RESUMO: O artigo apresenta o conceito de Turismo Étnico e algumas das características dessa modalidade que vem sendo considerada prioritária no planejamento turístico do Estado da Bahia. Também é feita uma contextualização histórica da Festa da Irmandade da Boa Morte realizada anualmente na cidade de Cachoeira (Bahia) e a sua importância como manifestação cultural representativa da identidade cultural afro-brasileira no Recôncavo Baiano. A partir dessa contextualização é analisado o crescimento da demanda norte-americana pelo Turismo Étnico na Bahia e de que forma a festividade cachoeirana se insere nessa tendência.

PALAVRAS-CHAVE: turismo étnico; Festa da Boa Morte; Cachoeira; Bahia.

Introdução

Esse artigo é a primeira comunicação da pesquisa que está sendo realizada para elaboração da dissertação de Mestrado em Análise Regional da Universidade Salvador – UNIFACS na linha de pesquisa voltada ao turismo. O projeto de pesquisa tem como objetivo analisar a inserção da Festa da Boa Morte, realizada anualmente em Cachoeira (BA), no turismo internacional através da abordagem de redes. Além disso, verificar quais os impactos do fluxo turístico motivado pelo evento sobre essa localidade, que é uma pequena cidade do Recôncavo Baiano com uma riqueza histórico-cultural muito importante, principalmente devido às suas heranças afro-brasileiras.

Nesse artigo será apresentada uma contextualização histórica da Festa da Boa Morte e de Cachoeira e caracterizada a sua importância atual para o desenvolvimento do turismo étnico, com traços religiosos, no Estado da Bahia.

Turismo Étnico

O Turismo Étnico é uma tendência relacionada ao Turismo Cultural e, por se tratar de um termo que passou a ser utilizado recentemente, não conta com uma definição oficial, e muito

¹ Bacharel em Turismo, Especialista em Gerenciamento Ambiental e Mestranda em Análise Regional. Bolsista CAPES e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Turismo e Meio Ambiente – GPTURIS / UNIFACS. E-mail: natalia.coimbra@gmail.com

² Doutora em Geografia pela Universidade de Rouen (França) e Mestre em Ciências Humanas pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora do Curso de Turismo e do Mestrado em Análise Regional da UNIFACS e Coordenadora do GPTURIS. Professora visitante do Mestrado em Geografia da UFBA. E-mail: regina.souza@unifacs.br

pode ser especulado a respeito do seu real significado. A conceituação de modalidades de turismo, conforme já observado em diversos casos, normalmente é um assunto bastante delicado, pois a abordagem varia de acordo com os diversos autores. Este fato já foi observado nos casos de definição de termos como ecoturismo, turismo ecológico, turismo alternativo, turismo sustentável, turismo esportivo, turismo de aventura, entre outros.

Por essa razão, é importante analisar o que é considerado Turismo Étnico para fins de compreensão do presente artigo. Para Santayana (1994) a associação dos grupos humanos com o espaço que ocupam é o primeiro traço identificador das etnias. Os outros seriam a língua, os costumes e os instrumentos de vida, mas todos eles relacionados de uma forma ou outra ao espaço circundante. No entanto, essa associação com o espaço não precisa ser necessariamente presencial. Ela se refere, principalmente, ao sentimento de pertencimento a um determinado local. Desta forma, podemos estender a noção de etnia para aqueles povos que imigraram e que ainda mantém algumas de suas tradições (língua, religião, danças, músicas, artesanatos, gastronomia, entre outros elementos culturais) e que sofreram também influência da cultura do local no qual se estabeleceram. Essas adaptações, no caso dos imigrantes – ou no caso específico que está sendo analisado nesse artigo, dos escravos que chegaram à Bahia – não podem ser consideradas como descaracterizações, uma vez que foram necessárias à sobrevivência deste povo e acabou por gerar uma nova cultura, produto das duas influências (a original e a nova), a cultura afro-brasileira.

De acordo com essa definição, o Turismo Étnico seria, então, semelhante ao Turismo Cultural, pois tem a cultura na sua base fundamental. Ao adotar uma definição de Turismo Cultural como, por exemplo, a de Barretto (2003), é possível perceber que essa modalidade se refere a todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas sim algum aspecto da cultura humana, ou seja, aquele que tem como recurso turístico o patrimônio cultural de um povo. O patrimônio cultural é o conjunto de valores, construções, acumulações de valor material e imaterial de um povo. Desta forma, como já foi visto, o Turismo Étnico seria uma modalidade de turismo que estaria inserida dentro dessa modalidade mais abrangente que é o Turismo Cultural. No entanto, a principal diferença entre as duas modalidades é, na verdade, relacionada às questões de cultura dominante, ou hegemônica, e a cultura de minorias (o que muitas vezes, no turismo, é tratado como “cultura exótica”). Assim, o Turismo Étnico é voltado para aqueles visitantes que desejam vivenciar e experimentar culturas particulares, minoritárias, que resistem dentro de sociedades que possuem uma cultura hegemônicas e, por isso, mantém traços que possivelmente ainda não foram apagados pela globalização, por não terem se inserido na cultura dominante.

O interesse do turismo por essas culturas tem um lado positivo – de reafirmação da auto-estima das comunidades locais, de reforço da sua identidade e valorização da mesma – ao mesmo tempo em que pode contribuir para a sua descaracterização, ao sofrer com a pressão do número de visitantes, de hábitos os mais variados possíveis, que estarão entrando em contato com essa comunidade, podendo causar choques culturais. A utilização de cultura como mercadoria para diversão de turistas infelizmente é um risco comum que deve ser considerado e previsto para que, no processo de planejamento, sejam tomadas as medidas necessárias para evitar a espetacularização das manifestações culturais. Isso ocorre porque, segundo Ortiz (1994) “as festas, o artesanato e os divertimentos são perpassados pela totalidade das relações capitalistas” e muitas vezes a tradição é penetrada e modificada nos seus elementos essenciais.

Cachoeira, a Heróica

Cachoeira é um município de 403 km², com população total de cerca de 30.200 habitantes e que dista 109 km da capital baiana, Salvador (BAHIA, 1997). Está localizado no Recôncavo Sul Baiano, à margem esquerda do Rio Paraguaçu e administrativamente é dividido em três distritos: Belém da Cachoeira, Cachoeira e Santiago do Iguape. Seus limites são com os municípios de Conceição da Feira, Maragogipe, Santo Amaro, Saubara, Governador Mangabeira, Muritiba e São Félix (CEI, 1991).

O município foi criado por força da Carta Régia de 27 de dezembro de 1693 com a denominação de Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira, sendo o 2º município do Recôncavo Baiano. A sede foi elevada à categoria de cidade através da Resolução Provincial de 13 de março de 1837 e passou a ser chamada de Heróica Cidade de Cachoeira. Devido à riqueza do seu patrimônio histórico e cultural é considerada “Cidade Monumento Nacional” pelo Decreto Federal de 13 de janeiro de 1971.

Sua história conta que o português Paulo Dias Adorno, que estava na expedição de Martins Afonso de Souza em 1531 se estabeleceu na Bahia com o objetivo de colonizar e iniciar o plantio de cana-de-açúcar. Eles buscaram as terras que ficavam às margens do Rio Paraguaçu nas quais poderiam, sem dificuldades, entrar e sair com suas embarcações. Sendo esta uma região privilegiada para o plantio, devido às condições climáticas e de solos, buscaram fixar sua fazenda entre os rios Caquende e Pitanga. Construíram residência, uma senzala, um engenho e uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário e, ao seu redor, foi se estabelecendo uma população. Ambos eram amigos e parentes de Diogo Alves, O Caramuru, e Catarina Paraguaçu e conseguiram, juntos, “apaziguar” a população autóctone formada por indígenas, o que facilitou o bom relacionamento e uma melhor colonização.

Após algum tempo foi construído o Porto de Cachoeira que fazia a ligação entre o Recôncavo e o sertão na união das riquezas: gado e ouro. Esse foi um passo muito importante para o impulso do progresso da região fazendo com que o comércio crescesse com mais intensidade e rapidez, tornando Cachoeira a segunda cidade mais rica, a mais populosa e, uma das mais importantes do Brasil e tornando o município de Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira o segundo município instalado no Recôncavo Baiano.

Paralela a essa atividade econômica aumentava a participação política de Cachoeira, tendo se destacado durante os conflitos que antecederam a independência da Bahia, concedendo à cidade o título de ‘A Heróica’ pela coragem e audácia de seus filhos que lutaram pela independência da Bahia e do Brasil. Exemplos de valentia e bravura são Maria Quitéria (a mulher soldado) e Ana Nery (a enfermeira do Brasil), título que recebeu durante a guerra do Paraguai. Cachoeira também recebeu ilustres visitas, como a de D. Pedro I, D. Pedro II, Princesa Isabel e Conde D’Eu.

Cachoeira foi sede do governo da Bahia por duas vezes: a primeira no início das lutas pela independência em 1822 e a segunda durante a revolta da Sabinada em 1837. Durante esses períodos a cidade recebeu muitos investimentos para que pudesse ser uma sede de governo e para que pudesse acolher o governador da Bahia, isso trouxe à cidade valores notáveis nas artes, arquitetura civil e religiosa, monumentos impregnados de história.

Entre as atividades econômicas, são praticadas a agricultura, o comércio e a indústria, porém de forma muito incipiente (BAHIA, 1997). Na verdade, o que chama mais a atenção em relação a Cachoeira é a forma como resiste, como nenhum outro lugar da Bahia, o legado ancestral do “povo-de-santo”, a rica culinária regional influenciada pelos costumes e tradições dos negros africanos, além das manifestações populares religiosas, que tem como exemplo de maior destaque a Festa da Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte. Esse legado, aliado ainda à herança do acervo arquitetônico barroco e da arte sacra, construídos pelas mãos dos negros, fazem da cidade parada obrigatória na rota dos turistas e visitantes interessados na ascendência africana, que manifestam desejo de resgatar suas origens culturais, o que caracterizaria o denominado turismo étnico (ROMA..., 2005).

A Festa da Irmandade da Boa Morte

A Irmandade da Boa Morte é um dos pilares mais importantes da manutenção das tradições afro-brasileiras no Recôncavo Baiano. Trata-se de uma confraria católica de mulheres negras e mestiças que representam a ancestralidade dos povos africanos que foram escravizados em nossas terras e posteriormente libertos e cuja cultura permeia a sociedade.

Apesar da falta de dados conclusivos a respeito da sua origem, acredita-se que a Irmandade teria sido fundada em princípios do século XIX (há cerca de 200 anos) na Igreja da Barroquinha em Salvador por ex-escravas de idade avançada, pertencentes ao Candomblé. Assim como não se sabe determinar a data exata da sua fundação, a origem étnica das “irmãs” também é discutida. Alguns pesquisadores (VERGER *apud* MARQUES, 2002) arriscam que teriam sido alforriadas Ketu, enquanto outros (TAVARES *apud* FALCON, s.d.) acreditam terem sido da nação Jêje. Além disso, nos seus primeiros anos, em Salvador, a Irmandade teria sido dirigida por mulheres Nagô (VERGER *apud* COSTA, s.d.). No entanto, ao que tudo indica, deveria haver no início da Irmandade uma variada procedência étnica já que se estimam mais de cem adeptas nos seus primeiros anos de existência.

O objetivo da fundação da Irmandade, além de cultivar a devoção a Nossa Senhora da Boa Morte e da Glória, era arrecadar fundos para comprar cartas de alforria, dar proteção e encaminhar negros fugidos e lhes propiciar funerais dignos. Acredita-se também que, por volta de 1820, do grupo original teriam saído algumas “irmãs” que se deslocaram para Cachoeira recriando ali a Irmandade da Boa Morte, aonde ainda permanecem. Outros membros do grupo teriam sido responsáveis pela criação de alguns dos principais Terreiros de Candomblé da Bahia, o que, de acordo com Falcon (s.d.), sugere a evidência de que há um tronco comum entre a Irmandade e as diversas Casas de Santos das nações Ketu e Jêje.

Como curiosidade, é importante ressaltar que, em Cachoeira, os atos litúrgicos originais eram realizados na Igreja da Terceira Ordem do Carmo, tradicionalmente freqüentada pelas elites locais. Essa característica dá ainda maior destaque ao fato de que as mulheres da Boa Morte eram chamadas de “negras do partido alto”, um termo de conotação socioeconômica privilegiada e que dava posição de destaque às fundadoras da Irmandade, atestando sua diferenciação da condição das negras escravas e libertas (NASCIMENTO; TAVARES *apud* MARQUES, 2002).

Em um momento posterior, as “irmãs” transferiram-se para a Igreja de Santa Bárbara, da Santa Casa de Misericórdia onde existem imagens da sua Santa de devoção. Depois, mudaram-se para a Igreja do Amparo que foi demolida em 1946. Então, dirigiram-se para a Igreja Matriz, sede da freguesia, e foram posteriormente para a Igreja da Ajuda.

Historicamente alguns autores relacionam o surgimento da Irmandade da Boa Morte ao cenário de interesses e lutas pela Independência em Salvador, o que teria levado a uma “unidade” de interesses entre senhores e escravos em torno de uma causa comum. Alguns pesquisadores associam o surgimento da irmandade às senzalas, dentro de uma conjuntura abolicionista em torno dos negros islamizados no Estado que em 1835 tiveram uma tentativa

libertária esmagada. Inclusive, especula-se que uma das líderes do movimento, Luiza Mahim, seria uma das responsáveis pela fundação da Irmandade, após fugir de Salvador para Cachoeira.

De qualquer forma, o estabelecimento de laços entre os negros escravos de Salvador e das cidades do Recôncavo, especialmente Cachoeira foi um fato concreto, resultado da inauguração do serviço de navegação a vapor, trazendo uma renovação econômica e estimulando a integração da região e a possibilidade de negócios. Essa união entre a comunidade negra composta por escravos e libertos, provavelmente favoreceu a sua organização em confrarias e irmandades, como também no caso da Boa Morte. Essas organizações foram, assim, elementos catalisadores e agregadores da cultura dos negros. De acordo com Costa (s.d.), para a cultura afro-brasileira, elas representam um papel fundamental, uma vez que, foi no seu interior que se fizeram as assimilações e o próprio sincretismo. E para Marques (2002), o sincretismo pode ser considerado uma característica do fenômeno religioso.

Isto não implica desmerecer nenhuma religião, mas em constatar que, como os demais elementos de uma cultura, a religião constitui uma síntese integradora englobando conteúdos de diversas origens. Tal fato não diminui, mas engrandece o domínio da religião, como ponto de encontro e de convergência entre tradições distintas (FERRETTI *apud* MARQUES, 2002).

As confrarias e irmandades religiosas não apenas ajudaram o catolicismo popular no Brasil, como o impulsionaram. Nelas, as tradições de origens africanas começaram a adaptar-se à realidade local que lhes era imposta e assim foi possível a sua conservação. Obviamente, esse processo não ocorreu sem tensões já que esses agrupamentos colocavam em oposição a força do “leigo” contra o poder clerical oficial, que não queria ver ameaçado o *status quo* da religião Católica (COSTA, s.d.).

O termo “Boa Morte” refere-se à morte e à subida aos Céus de Maria, Nossa Senhora, Mãe de Jesus. De acordo com Costa (s.d.), não se trata apenas de um eufemismo ou simples adjetivação que denomina o momento de sua “morte-vida” e que tem suas origens nos primeiros séculos do Cristianismo. Essa tradição do Cristianismo Católico foi trazida pelos portugueses, dentro das múltiplas expressões litúrgicas que a devoção da época permitia.

Trata-se de uma crença generalizada no mundo cristão, em especial no Oriente Ortodoxo, que Maria, ao morrer, teve seu corpo preservado, algo que não ocorre com os demais mortais. Ela teria simplesmente fechado seus olhos na Terra para abri-los no Céu, de forma definitiva. No Oriente, esse momento é chamado de “Dormição” e no Ocidente latino essa passagem de Maria se tornou conhecida como Glória, Vitória ou Assunção, daí as várias denominações de Nossa Senhora.

Tanto nas cerimônias públicas quanto nas privadas da Irmandade da Boa Morte ficam definidos os cumprimentos às responsabilidades católicas apesar de serem observadas nitidamente as simbologias gestuais e do vestuário do candomblé em todo o ritual, especialmente durante os cortejos. Por seu caráter histórico e cultural, a Festa da Boa Morte (realizada em agosto) é uma das comemorações religiosas de caráter mais rico e atual onde o sincretismo-mimético acontece de modo original e muito peculiar (COSTA, s.d.). Da mesma forma em que podem ser observados os elementos da cultura negra bem nítidos, de apresentar contato com o catolicismo barroco luso-brasileiro, a Irmandade conserva, com seus rituais, a crença da devoção católica em torno de Maria, uma das tradições mais antigas do mundo cristão.

Além dos cortejos, a festividade é composta de ceias, missas, procissões e samba-de-roda e é organizada por cerca de 30 “irmãs” remanescentes que decidem as responsáveis pela comissão organizadora todos os anos.

De acordo com Costa (s.d.) e Marques (2002), alguns autores defendem que a data de 15 de agosto tenha sido determinada no Oriente pelo Imperador Maurício (por volta do ano 600), para celebrar a festa dedicada “à Virgem Maria que subiu ao Céu”. Também na França, o dia 15 de agosto foi, durante muito tempo, a data da Festa Nacional do país. Foi o Rei Luís XIII (1601-1643) quem consagrou Nossa Senhora a esse país (daí a famosa Catedral de Paris ser chamada de Notre Dame) e pediu que nesse dia fosse feita em cada paróquia uma procissão em homenagem à Santa. Dados históricos também apontam que a celebração da Assunção ou Dormição de Maria é realizada desde finais do século II no Oriente e que contava com prestígio popular desde o início do século VII no Império Bizantino (THEO *apud* COSTA, s.d.). No entanto, os textos apócrifos e uma resolução posterior da Igreja Católica (mantida até os dias atuais) mantém o domingo fixo para a celebração.

A duração das comemorações em homenagem a Nossa Senhora da Boa Morte e da Glória em Cachoeira depende dos donativos arrecadados e das condições de pecúlio do ano. No primeiro dia, ocorre uma cerimônia privativa das “irmãs” onde é rezado o Ofício de Nossa Senhora e a sua imagem é arrumada e velada. Depois é feita a saída do cortejo com a imagem da Santa morta. As componentes da Irmandade se vestem de luto. Em seguida é rezada uma missa de corpo presente em memória das “irmãs” falecidas. Posteriormente é realizado o velório de Nossa Senhora. Na seqüência a Irmandade oferece uma Ceia Branca (pão, vinho, arroz, frutos do mar) obedecendo a costumes religiosos que interditam carne e dendê. No dia seguinte são realizadas a missa e a procissão do enterro. As “irmãs” vestem seus trajes de gala, chamados de becas. No terceiro dia das celebrações é comemorada a Assunção de Nossa Senhora. A missa e o

cortejo (ao contrário dos dois dias anteriores) são diurnos e não mais à noite. O trajeto da procissão também é diferente, a capela é toda decorada com flores e a imagem da Santa é vista em pé e não mais deitada (morta). Mais tarde, na sede da Irmandade e no Largo da Ajuda a festa continua com o samba-de-roda. As “irmãs” abrem sua sede para um almoço com os convidados e o dia continua com mais dança. Caso as comemorações se prolonguem por mais dois dias, a Irmandade ainda oferece cozidos e/ou carurus acompanhados por muito samba-de-roda.

Para Marques (2002): “O caráter mítico que envolve os rituais da Irmandade da Boa Morte são singularmente expressos nas rezas, cânticos, danças, gestos, culinária, indumentárias, e obviamente na relação que essas mulheres tem com a morte, a vida e o divertimento”.

Por essas razões, a importância da Irmandade da Boa Morte é indiscutível, uma vez que se mantém no Recôncavo Baiano como um dos mais representativos patrimônios culturais do Estado e que necessita ser valorizado e preservado devido ao seu caráter de resistência histórica e socioeconômica.

A partir de 2002, os alunos de Turismo da UNIFACS – Universidade Salvador, sob orientação da coordenadora do curso, Prof^a. Lúcia Aquino e da Prof^a. Regina Celeste Souza iniciaram uma avaliação do perfil dos turistas que visitam Cachoeira durante o período da Festa da Boa Morte. Um dos dados que se destacam nesta análise é o crescente interesse dos visitantes e turistas, nacionais e internacionais, na manifestação, sendo que os fatores apontados como de maior interesse pelos entrevistados foram a autenticidade da tradição e a religiosidade (sincretismo), atingindo níveis de mais de 40%.

No entanto, apesar do aspecto religioso da celebração estar sendo mantido ao longo dos anos pela Irmandade, no que se refere à parte profana, o evento tem se descaracterizado bastante. As ruas de Cachoeira têm se transformado em um verdadeiro Carnaval, com muita *axé-music*, pagode e forró, sendo que o samba-de-roda, dança tradicional do Recôncavo Baiano, tem perdido espaço, ficando apenas restrito à comemoração das “irmãs” da Boa Morte.

O crescimento da demanda norte-americana

Os afro-americanos representam cerca de 13% da população dos Estados Unidos, ou seja, um contingente de 40 milhões de pessoas, com um poder de compra estimado em US\$ 740 bilhões e que têm em comum com os baianos, além da ascendência africana, a vontade de resgatar suas heranças culturais. Por conta desta identidade, os órgãos oficiais de turismo do Estado, juntamente com o apoio do Cluster do Entretenimento, Cultura e Turismo da Bahia – uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) – formado por empresas do *trade* turístico, órgãos públicos, organizações não-governamentais e universidades – têm

buscado atrair esta demanda para Salvador, que é a cidade com a maior população negra fora da África, para torná-la a porta de entrada e destino preferencial do turismo afro-americano no Nordeste (BAHIA..., 2005).

A partir dos últimos anos, tem sido possível observar uma crescente demanda na Bahia pelo público norte-americano, e isso tem sido verificado também em relação à demanda turística para Cachoeira. Apesar deste fato estar sendo observado pela mídia, pelos profissionais e empresas que atuam no ramo turístico (órgãos públicos, hotéis, restaurantes, agências de viagem, guias, vendedores, etc.), não têm sido feitas pesquisas oficiais na localidade. A Bahiatura, através de seu Centro de Estudos Econômicos realizou pesquisa de campo em Cachoeira para verificar o perfil do turista que vai à localidade apenas em 2002 e 2003, constituindo uma análise apenas parcial e não-representativa. Algumas faculdades de turismo elaboram diagnósticos de tempos em tempos, porém não se tem notícia de um processo contínuo do ponto de vista temporal.

A Bahiatura, órgão oficial de turismo do Estado, tem investido na divulgação e promoção do Turismo Étnico na Bahia, através da busca de parceria com empresas internacionais, especialmente norte-americanas, e que têm como público-alvo os afro-americanos. No entanto, os principais destinos que vêm sendo trabalhados nesse programa são: Salvador, seguida de Costa do Saúpe, Lençóis e Porto Seguro. Como exemplo, pode ser citada a parceria firmada com a empresa norte-americana Avocet, Travel uma multinacional norte-americana que atua nos mais diversos setores do segmento de afro-descendentes norte-americanos, movimentando anualmente mais de US\$ 74 bilhões. Esta empresa iniciará, a partir de junho, a operação de vôos semanais, realizados pela VARIG a partir de Nova Iorque com destino a Salvador, em aeronaves com capacidade para cerca de 200 passageiros, durante um ano (com possibilidade de prorrogação), e que terão o receptivo a cargo da Tatur Turismo.

De acordo com o gerente-geral da Avocet no Brasil, César Nascimento, a estimativa de gasto diário deste segmento é de US\$ 80, sem contar a hospedagem. A empresa realizou uma pesquisa que prevê, no primeiro ano de operação, uma receita local da ordem de US\$ 8,3 milhões. As estimativas para o terceiro ano, com a inclusão das cidades de Chicago e Atlanta no programa, são de que as receitas poderão chegar a US\$ 25,1 milhões. Isso reflete a visão otimista da multinacional que, inclusive, adaptou totalmente o seu *website* ao perfil dos valores e cultura baianos. Para convencer os seus possíveis clientes, na página principal adota o *slogan*: “No Brasil, a sua experiência começa na Bahia”. A empresa acredita que o potencial econômico deste segmento demonstra que o tipo de turismo adotado pelo programa atrairá uma série de negócios

na área da educação, da cultura e do setor imobiliário que serão benéficos para a expansão do Turismo Étnico na Bahia e para sua economia (BAHIA..., 2005).

Os meios de comunicação de massa baianos têm colocado o Turismo Étnico em suas pautas, seja nos veículos impressos ou televisionados e isso tem começado a despertar o interesse da população que espera conquistar os turistas norte-americanos definitivamente. Para Adelino Netto, diretor-executivo do Cluster, essa identificação entre os dois povos é importante para que os turistas possam resgatar suas origens. Para ele, “os afro-americanos vêm perdendo sua identidade cultural dentro dos Estados Unidos. Por conta disso, os roteiros turísticos criados para este público visam resgatar sua história, sua identidade cultural” (BAHIA..., 2005).

De fato, o chamado Turismo Étnico, assim como outras modalidades de turismo cultural, estão se tornando tendência em diversos países. O chamado “*heritage tourism*” ou “*cultural heritage tourism*” (Turismo de Herança Cultural), assim como o “*ethnic tourism*” propriamente dito, estão sendo incentivados entre as comunidades que compõem minorias étnicas nos Estados Unidos, de acordo com o observado em publicações especializadas neste segmento consultadas na internet (como, por exemplo, nas norte-americanas: *Essence Magazine* – cujo co-fundador, Clarence Smith, é o proprietário da Operadora Avocet Travel, *Pathfinders Travel*, *Black Meetings & Tourism*, *Black Enterprise* e *American Legacy Magazine*).

Porém, até o presente, e apesar da representatividade de sua cultura afro-descendente, Cachoeira não foi incluída efetivamente nos programas oficiais dos órgãos de turismo do Estado, o que tem gerado muita insatisfação nas pessoas preocupadas com o desenvolvimento do turismo em bases sustentáveis. Isso é ainda mais grave quando se observa que, apesar de Salvador ser considerada “a cidade mais africana fora da África”, *slogan* utilizado pela Bahiatursa em seus *press releases*, Cachoeira pode ser considerada a cidade mais africana da Bahia, pois suas heranças sofreram menos descaracterizações nesta cidade do que na capital. Segundo o escultor, ativista político e cultural cachoeirano Fory:

A cidade histórica, que mesmo com todas as transformações socioeconômicas ocorridas ao longo da sua existência ainda preserva o que ficou de mais genuíno e representativo da confluência étnica dos povos que estiveram na base da formação do povo brasileiro, não pode ser alijada de nenhum programa de incentivo ao turismo étnico (CACHOEIRA..., 2005).

Esse descaso afeta fortemente a auto-estima da comunidade de Cachoeira, uma vez que a cidade, desde finais da década de 70 está acostumada com a presença crescente de negros norte-americanos durante todo o ano que sempre buscam conhecer a cidade a partir de estadias em Salvador, principalmente no mês de agosto, devido às festividades da Irmandade da Boa Morte, que conta com uma demanda própria, por ser uma das poucas confrarias no mundo que

ainda preserva suas características originais. Além disso, a cidade possui uma população majoritariamente negra e fortemente marcada pela herança africana (CACHOEIRA..., 2005).

Outro fato que deve ser observado é que a Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia também não tem se preocupado muito com o destino. A Festa da Boa Morte não está listada no *website* da entidade na seção dedicada às festas religiosas nem culturais.

As cidades do interior do Recôncavo Baiano, ainda não foram beneficiadas com as verbas destinadas à melhoria de infra-estrutura e divulgação do PRODETUR I e II, e Cachoeira só conta com o investimento do Projeto Monumenta, realizado pelo Ministério da Cultura, que é um programa de revitalização de sítios urbanos, através da recuperação do patrimônio cultural. O programa visa estabelecer um processo que dê sustentabilidade ao patrimônio e contribua para elevação da qualidade de vida das comunidades.

Conclusão

Durante a exposição do presente artigo, foi contextualizada a Festa da Boa Morte, realizada anualmente em Cachoeira, cidade localizada no Recôncavo Baiano, na semana de 15 de agosto, pela Irmandade do mesmo nome. Além disso, foi apresentada sua importância como manifestação cultural de resistência étnica e, dessa forma, seu potencial para a atividade turística que vem sendo priorizada no Estado.

No entanto, as análises preliminares demonstram que Cachoeira ainda não está tendo reconhecido o valor do seu patrimônio cultural e turístico pelos órgãos oficiais de turismo baianos e empresas privadas que atuam no setor. Isso pode ter um efeito bastante negativo sobre a comunidade e sua cultura, pois o interesse da demanda já existe e precisa ser trabalhado no nível do planejamento para a que atividade aconteça de forma sustentável, o que, pelas inúmeras experiências observadas em todo o mundo, não acontece quando o turismo se desenvolve de forma espontânea. Nesse caso, os impactos negativos superam os positivos e o que resulta são impactos de ordem ambiental, econômica, social e cultural, muitas vezes de difícil resolução em etapas posteriores e, na maioria dos casos, irreversíveis.

Existe uma tendência que aponta para o aumento da procura pela modalidade, denominada Turismo Étnico. O mundo está passando por mudanças confusas e incontroladas e as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais. Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se uma das fontes básicas de significado social. Enquanto isso, as redes globais de intercâmbio instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e países (CASTELLS, 2005). E o turismo, enquanto um

fenômeno social de fundamental importância na época contemporânea, que se beneficia e também sofre com os fenômenos da globalização, reflete as tendências que podem ser observadas na sociedade de forma mais ampla.

Referências Bibliográficas

- BAHIA. Guia cultural da Bahia. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 1997.
- BAHIA na rota do Turismo Étnico. Jornal A Tarde, Salvador, p. 27, 1 mai. 2005
- BARRETTO, Margarita. Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento. Campinas: Papirus, 2003.
- CACHOEIRA fora de roteiro turístico. Jornal A Tarde, Salvador, p. 16, 8 mai. 2005.
- CEI - Centro de Estatística e Informações (BA). **Perfil do Estado da Bahia**: estatísticas selecionadas. Salvador: CEI, 1991.
- COSTA, Sebastião H. V. A festa da Irmandade da Boa Morte e o ícone ortodoxo da Dormição de Maria. [s.l., s.d.].
- FALCON, Gustavo. Boa Morte: uma Irmandade de exaltação à vida. [on line] Disponível na Internet via URL: www.geocities.com/Wellesley/4328/historia.htm. Acessado em 03 mai. 2004.
- MARQUES, Francisca. Festa da Boa Morte: identidade, sincretismo e música na religiosidade brasileira. [on line] Disponível na Internet via URL: http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/francisca_marques.htm. Acessado em: 03 mai. 2004.
- ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- ROMA Negra na Bahia. Jornal A Tarde, Salvador, p. 16, 8 mai. 2005.
- SANTAYANA, Mauro. O século XXI e o desafio das etnias. In: SANTOS, Milton. Território: globalização e fragmentação. São Paulo: HUCITEC, 1994.

Sites consultados:

- American Legacy Magazine. www.americanlegacymag.com/ [on line]. Acesso em: 13 mai. 2005.
- Avocet Travel. www.avocetravel.com [on line]. Acesso em: 13 mai. 2005.
- Bahiatursa. www.bahiatursa.ba.gov.br [on line]. Acesso em: 12 mai. 2005.
- Black Enterprise. www.blackenterprise.com [on line]. Acesso em: 13 mai. 2005.
- Black Meetings & Tourism. www.blackmeetingsandtourism.com [on line] Acesso em: 13 mai. 2005.

Essence Magazine. www.essence.com [on line]. Acesso em: 13 mai. 2005.

Eu vi Boa Morte sorrir... Salvador: IRDEB/TVE, 1996. Vídeo (29 min) : VHS, son., color.

Iphan – Instituto do Patrimônio Artístico Nacional. www.iphan.gov.br/proprog/bid.htm [on line]. Acesso em: 13 mai. 2005.

Pathfinders Travel. www.pathfinderstravel.com [on line]. Acesso em: 13 mai. 2005.

Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia. www.sct.ba.gov.br [on line]. Acesso em: 12 mai. 2005.

Site Oficial da Bahia. www.bahia.com.br [on line]. Acesso em: 12 mai. 2005.

Tatur Turismo. www.tatur.com.br [on line]. Acesso em: 13 mai. 2005.